

Turbulência política não altera investimentos

MAS OS EMPRESÁRIOS ACHAM QUE GOVERNO DEVE MOSTRAR CONSISTÊNCIA

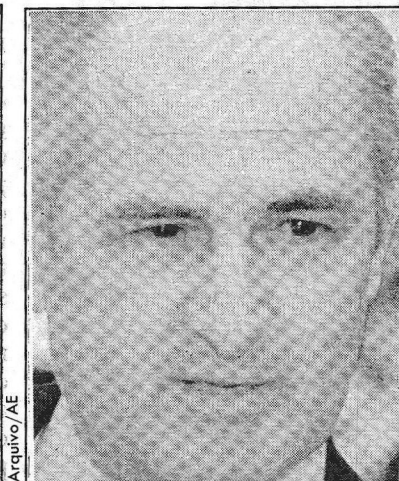
FÁBIO PAHIM JR.

As empresas não mudaram seus planos de investimento por conta da turbulência política em Brasília envolvendo o ministro da Fazenda, afirmam empresários e banqueiros. O Bradesco, por exemplo, abrirá 50 agências nos próximos 90 dias e mantém seus investimentos de US\$ 10 milhões mensais, segundo o seu presidente Lázaro de Mello Brandão. "A economia não mudou. O momento é delicado e o governo deve estar atento, para sinalizar o caminho da confiança", diz Brandão. O presidente da Metal Leve, José Mindlin reforça: "Não há paralisação. O Brasil funciona apesar dos pesares".

"Não houve nenhuma mudança", confirma o presidente do Mappin, Carlos Antonio Rocca. "O ciclo de recuperação iniciado em fins de 92 viveu um momento especulativo há dois meses mas depois do anúncio do plano econômico houve uma certa acomodação. Tudo está dentro do que se poderia esperar", declara Rocca. O presidente do grupo Fenícia, Jorge Simeira Jacob retrata que em seu grupo nada mudou, explicando que "a cautela máxima já vem de muito tempo", mas nota que depois do Dia das Mães, "o mercado esfriou. Não dá para estimar a causa, se tem ou não relação com o fato político. Depois do dia 10 o esfriamento é normal, mas este mês foi mais intenso".

O presidente da Paramount-Lansul, Fuad Mattar, registra um decréscimo de 25% nos pedidos de fios de fibra longa para malharia e tecelagem, a especialidade de sua empresa. "Depois da crise, a atividade piorou. Espero que retorne tão logo consolide-se a posição de Eliseu Resende", assinala Mattar.

Segundo o presidente do Bradesco, "permanecem os indicadores que mostram a melhoria da economia, mas o ministro deve defender seu plano e mostrar que



Arquivo/AE

“O MOMENTO É DELICADO. O GOVERNO DEVE INDICAR O CAMINHO DA CONFIANÇA.”

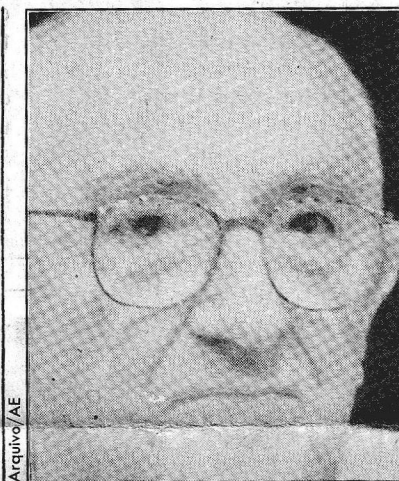
(Lázaro Brandão, presidente do Bradesco).



Arquivo/AE

“NÃO HOUE NENHUMA MUDANÇA. TUDO ESTÁ DENTRO DO QUE SE PODERIA ESPERAR.”

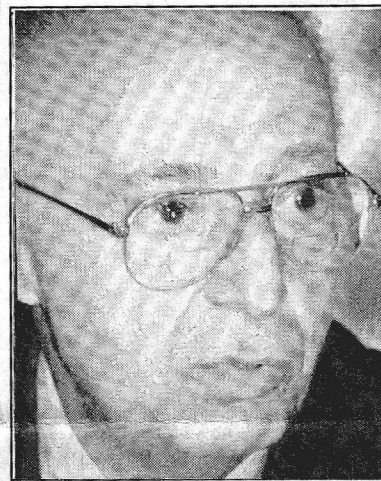
(Carlos Rocca, presidente do Mappin).



Arquivo/AE

“O RITMO DOS INVESTIMENTOS É MAIS LENTO DEVIDO À RECESSÃO, NÃO À TURBULÊNCIA.”

(José Mindlin, presidente da Metal Leve).



Arquivo/AE

“O MINISTÉRIO DEVERIA TER GRANDES NOMES. OS HOMENS CERTOS NOS LUGARES CERTOS.”

(Mário Amato, vice-presidente da CNI).

ele tem consistência. Eu espero que haja uma relativa normalidade". Na Metal Leve, "o ritmo do programa de investimentos é mais lento devido à recessão, não à turbulência. O que atrapalha — enfatiza Mindlin — é a inflação, que anula os esforços. Calcula-se 25%, chega-se a 29%, alguns custos sobem acima de 30% e os resultados mingam. O grande inimigo é a inflação". Mindlin considera absurda a hipótese de que o País fique parado à espera do próximo presidente. Mattar observa que em sua empresa, os planos de investimento cessaram desde o Plano Collor.

Novo ministério

Alguns empresários evitam falar na hipótese de que Itamar convoque um superministro para conquistar credibilidade, mas raciocinam: se prevalecerem os ministros "gastadores" (como Luíza Erundina, da Administração, e Antonio Britto, da Previdência), "haverá mais inflação", reflete um dos líderes da área comercial.

Mário Amato, vice-presidente da Confederação Nacional da Indústria, Álvaro Augusto Vidigal, presidente da Bovespa, e Roberto Teixeira da Costa, presidente da Brasilpar, gostam da ideia de um Ministério formado por personalidades de alto nível — "uma espécie de ministério de Jatenes" — como sugere o deputado Delfim Netto. "O Ministério deveria ter grandes nomes, os homens certos nos lugares certos, com políticas transparentes e abertas, sem privilégios. O País anseia por isto", diz Amato.

Mas um superministério, na análise de José Mindlin, é *wishful thinking* (quimera): "Nessa heterogeneidade dentro e fora do Congresso, o entendimento, que é necessário, é pouco provável. Um ministério de salvação nacional deveria ser o resultado do entendimento, e não o contrário".